



ARTES, MODA E DESIGN: PROJETOS DE ENSINO E PROJETOS DE VIDA.

Arts, Fashion and Design: projects of teaching and life projects.

Marcelo Machado Martins¹

RESUMO

Entrevista concedida por Eloize Navalon, na qual a professora comenta a sua trajetória na academia e discute sua atuação como coordenadora e docente do curso de bacharelado em Design de Moda na Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo – Brasil). Além disso, Eloize reflete sobre as relações entre arte, design e moda, mas também sobre tolerância, diversidade e a grande e necessária paixão por ensinar (e aprender).

Palavras-chave: Moda. Design. Ensino.

Abstract

Eloize Navalon's interview, in which she comments on her academy trajectory and discusses her performance as coordinator and university professor of the Bachelor's degree in Fashion Design at Anhembi Morumbi University (São Paulo – Brazil). In addition, Eloize reflects on the relations between art, design and fashion, but also about tolerance, diversity and its great and necessary passion for teaching (and learning).

Keywords: Fashion. Design. Teaching.

¹ Doutor em Semiótica e Linguística Geral (USP; ENLSH – Lyon/Paris). Professor-pesquisador do PPGCDS da UFRPE; Professor Associado da UFPE: CAA (núcleo de Design e Comunicação).
E-mail: machadomartins@yahoo.com.br | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9084914012461108>

Eloize Navalon, professora e pesquisadora da Universidade Anhembi Morumbi desde 2000, e coordenadora do curso de bacharelado em Design de Moda, na mesma universidade, desde 2007; é uma referência nacional para estudos relacionados ao processo e à criação do designer de moda, além de participar de grandes projetos interdisciplinares e intercontinentais que promovem a ampliação de diálogos das áreas e dos profissionais neles envolvidos. Personificação de uma simpatia e de uma generosidade únicas, Eloize acumula em sua carreira acadêmica centenas de orientações, de participações em eventos científicos e, como não poderia deixar de ser, de publicações, importantes referências nos estudos e pesquisas relacionadas ao Design, à Moda e a áreas afins. Com seu largo sorriso de acolhimento, uma de suas marcas registradas, aceitou conceder esta entrevista à *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*.



de participações em eventos científicos e, como não poderia deixar de ser, de publicações, importantes referências nos estudos e pesquisas relacionadas ao Design, à Moda e a áreas afins. Com seu largo sorriso de acolhimento, uma de suas marcas registradas, aceitou conceder esta entrevista à *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*.

Pesquisador: Antes de tudo, Professora, devo deixar registrado que é uma honra poder trazer um pouquinho de você para a *Revista* e para as reflexões que os professores/as fazem a partir da leitura do material que nela é publicado. De antemão, portanto, eu te agradeço muito por este momento tão prazeroso para mim! Obrigado! Sabemos que a sua atuação na universidade se iniciou justamente num período importante para a consolidação dos estudos do design e da moda, e do design de moda, no Brasil. Como a senhora avalia a sua trajetória nesse campo, e mais do que isso, como a senhora avalia a legislação que regula a formação e a atuação dos trabalhos do designer de moda?

Entrevistada: Também, como você, antes de tudo, deixo aqui registrado que me sinto muito honrada em participar desta entrevista. A *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, assim como vocês (editores, colaboradores, colunistas, pareceristas), tem uma importância extrema para o ensino e para a pesquisa em design e em moda. Sou muito grata em poder conviver, compartilhar e desfrutar da amizade e do companheirismo de vocês. Com relação à trajetória que percorri, considero que minha história profissional se deu nesse emaranhado de descobertas e de consolidações do mercado que passou a absorver com mais profissionalismo a demanda dos trabalhos que realizamos nas Instituições de Ensino Superior (IES). Iniciei minha vida acadêmica por conta de minha atuação profissional na área de

moda, pois desde meados dos anos 1980 trabalhei com o desenvolvimento de produtos na indústria e no varejo. No início dos anos 2000, tanto a configuração dos cursos de Design como a dos cursos de Moda eram bem diferentes do que temos nos dias atuais. Naquele momento, os cursos superiores em Moda (com menos de 15 anos de existência) não possuíam uma legislação regulatória. Em 2004 o Ministério da Educação lançou uma Portaria informando que a partir daquele momento os cursos de Moda, Estilo, Estilismo, Desenho de Moda e todas as inúmeras nomenclaturas existentes até então para os cursos superiores deveriam adotar o nome “Design de Moda” e, assim, seguir as *Diretrizes Nacionais para os Cursos de Design* em sua estruturação curricular. Como registrado em várias publicações e documentos oficiais, esse foi um momento de muita agitação no meio acadêmico. Alguns professores e coordenadores se opuseram totalmente a isso, e outros (assim como eu ainda hoje) acreditavam que a criação e o desenvolvimento de produtos de moda é um processo projetual, portanto Design, e não “somente” estilo. Claro que eu acredito que uma legislação específica para o ensino de Moda, mesmo que esse, no seu aspecto criativo e de materialização seja design, é o caminho mais coerente, visto que a área é a segunda maior empregadora no Brasil, além de possuir características muito particulares, principalmente quando o horizonte se abre e enxergamos a moda não somente como criação de produtos, mas como um sistema de comunicação. Há alguns anos pleiteamos que o Ministério da Educação reconhecesse a Moda como um campo específico de formação, assim como fez o então Ministério da Cultura alguns anos atrás, mas essa é uma “luta” que parece ainda que perdurará por anos. No campo da atuação, tanto o Design como a Moda ainda não possuem legislação regulatória, isto é, não existe nenhuma lei que regule a profissão (em tramitação no governo há mais de uma década), tampouco a atuação dos profissionais dessas áreas.

Pesquisador: 2004 foi, então, um ano importante para a reconfiguração do ensino de Design e Moda no país, considerando a Portaria de orientações publicada pelo MEC. *Grosso modo*, a sua Instituição estava preparada para as mudanças naquele momento? Houve alguma consequência imediata com relação às adaptações e mesmo às mudanças sugeridas, como, por exemplo, o investimento em recursos materiais ou mesmo em novas contratações de professores e técnicos?

Entrevistada: Naquele momento, estávamos tão preparados como o restante do país, isto é, não!!! As mudanças sugeridas, porém, provocaram debates e reflexões, promovendo uma abertura em nossas mentes e corações, para que pudéssemos observar o ensino de Moda de uma maneira mais aprofundada, refletindo, sobretudo, acerca da atuação profissional dos nossos egressos nesse campo. Em 2005, liderados pelas professoras Maria de Fatima Mattos e Kathia Castilho, alguns professores decidem criar o Colóquio de Moda, que na minha opinião foi (e é ainda hoje) o fórum ideal para essas discussões, pois nos proporcionou, naquele momento, a ampliação das discussões acerca das mudanças. Vale ressaltar que essas discussões ainda são muito presentes em nossas vidas. Mas, voltando à IES em que atuo: em 2004 nosso Bacharelado em Moda apresentava uma proposição pedagógica que oferecia duas possibilidades de habilitação: Negócios da Moda e Design de Moda. O nome do curso era *Negócios da Moda*, e o estudante, ao fim do segundo ano, poderia escolher entre a habilitação em Negócios e a habilitação em Design – e desse modo era emitido seu diploma: Bacharelado em Negócios da Moda com Habilitação em...), ou poderia, por outro lado, cursar as duas habilitações e obter o diploma de ambas, como aconteceu algumas vezes. Em 2002, por conta da abertura de um *campus* próprio para os cursos de Design e Moda, estes cursos, professores e coordenadores se aproximaram mais, pois antes disso o curso de Moda ficava em uma edificação exclusiva. Essa aproximação promoveu, possibilitou um intercâmbio de ideias, metodologias de ensino, projetos, etc. Eu mesma cheguei a ministrar aulas de História do Design (por conta da minha formação) e orientar projetos no curso de Design Digital. Em 2004 já havia a oferta regular dos Bacharelados em Design Digital, Design de Games e Design de Embalagens, e no ano de 2005 começamos a pensar na possibilidade de ofertamos dois bacharelados em Moda: um focado em Negócios (como éramos fortemente reconhecidos), e outro em Design (para a criação e desenvolvimento de produtos), como eu disse. Nesse momento, eu e o professor Mario Queiroz éramos orientadores dos projetos de conclusão de curso da habilitação em Design de Moda e, em 2006, fomos convidados pela professora Monica Moura, então diretora da área de Artes, Design e Moda, a desenhar e posteriormente a coordenar o Bacharelado em Design de Moda, que teve a sua aprovação de oferta no CONSUM de 2006, e era orientado pela legislação vigente para os cursos de Design, e pautava o aprendizado como o orientado a projetos

interdisciplinares, como era (e ainda é) comum em todos os bacharelados em Design. Sendo assim, em 2007, abrimos nossa primeira turma do bacharelado em Design de Moda e reformulamos o bacharelado em Negócios da Moda para que seu foco fosse exclusivamente para uma formação de profissionais voltada para a atuação no gerenciamento de produtos, coleções e marcas de moda. Ao longo desses 11 anos, ora por atualização da legislação, ora por solicitação da nossa Instituição, ora ainda por nossa própria vocação para mudanças; temos aprimorado nossas matrizes curriculares com o intuito de ofertar um ensino mais atualizado e condizente com as demandas sociais contemporâneas – do conhecimento, do mercado, da formação humana, etc. Em 2012, redesenhamos nossos projetos pedagógicos para que todas as nossas ações visassem à criação, ao desenvolvimento e ao gerenciamento de produtos e projetos que pudessem promover a sustentabilidade na Moda. Por conta disso tudo, então, temos um investimento constante também em atualização de recursos materiais e humanos. Não posso deixar de citar aqui a criação em 2006 (juntamente com todas as mudanças das graduações), em nossa IES, do Programa de Pós-graduação – Mestrado, e posteriormente Doutorado – em Design, que conta com um grande número de pesquisas na área de Moda, e que possui uma grande parceria com as graduações de nossa Instituição, além de ter sido de uma importância singular em todas as nossas reflexões acerca do ensinar e do fazer Moda.

Pesquisador: Às vezes, parece que estamos vivenciando uma era de intolerância sem fim, e nossa área de atuação acaba sendo portadora ou vanguarda de temas que estimulam novos olhares com relação ao fazer do ser humano no e sobre o mundo. A senhora considera que nos dias atuais vivenciamos um avanço com relação às nossas concepções de artes, design e moda?

Entrevistada: Sim, com certeza! Vivenciamos um avanço nesse assunto, não tenho dúvida disso!!! As fronteiras entre artes, design e moda são muito tênues, e por vezes as três concepções participam de um mesmo processo projetual. Não vou me atrever aqui em falar de artes, mas quando observo a criação e o desenvolvimento de produtos, por exemplo, vejo que a moda está presente no lançamento de um novo modelo de automóvel, de geladeira, de aparelhos eletrônicos, de sistemas digitais, dentre tantos outros; assim como vejo o processo artístico presente na criação de produtos (moda, objetos e sistemas). Noto que esse

avanço é mais apontado ou mesmo observado nas escolas e universidades, pois a prática do ensino e aprendizagem precisa promover esses diálogos, gerando possibilidades de “avanços” de fronteiras. Percebo que a Moda toma a liderança nesse processo, seja na academia, seja no mercado, pois historicamente, mesmo havendo uma forte vertente ligada à estimulação do consumo, a Moda sempre esteve “colada” aos movimentos de vanguarda, questionando, muitas vezes, sua própria atuação. Percebo que, como área, ainda estamos bem abertos ao diálogo e à convivência com ideias divergentes... Oxalá possamos permanecer assim!

Pesquisador: Esse avanço que a senhora está considerando já chegou lá nas salas de aulas, isto é, será que ele tem sido incorporado nos discursos dos professores/as e, quem sabe, replicado nos discursos dos alunos/as? As mídias, *grosso modo*, por sua vez, incorporam esses avanços pelo menos para estimular o debate sobre eles – se tendenciosamente ou não, não é o caso. Mas e na universidade, o que a senhora acha que está acontecendo? Como esse avanço tem sido tratado?

Entrevistada: Então, como comecei a esboçar acima, acredito que o avanço maior está na universidade (ao menos na que convivo e com as quais mantenho um diálogo mais aproximado). Mas só posso falar com convicção sobre a IES em que atuo, pois nela abordamos fortemente, em nossos projetos e em nossas metodologias de ensino, questões como tolerância e intolerância, inclusão, importância (e riqueza) das diversidades, ética e, principalmente, o papel social do designer. Para fazer isso acontecer, precisamos estimular o estudante a conhecer a história (da arte, do design, da moda, dos movimentos sociais), os conceitos e teorias humanísticos, e não somente os aspectos técnicos e mercadológicos de sua futura atuação profissional.

Pesquisador: Com relação à sala de aula ainda, é difícil despertar no alunado a criatividade? Como a senhora consegue manter acesa a chama do “ser criativo” em seus alunos/a? E mais, quais são os seus próprios hábitos que mantêm abertos seus canais sensoriais e cognitivos para desenvolver a sua própria criatividade tanto na pesquisa, como nas aulas, por exemplo?

Entrevistada: Há muitas ações e referências que podem “alimentar” a criatividade. Sem dúvida que a proximidade com o fazer artístico e a produção

cultural mantém “acessa a chama” da criatividade, pois quanto mais contato com a arte, em todas as suas formas, mais “contaminados” por ela nos tornamos. Há um outro fator que promove muito a criatividade em qualquer pessoa: o desafio!!! Trabalhamos muito com “desafios de design” com nossos estudantes. Nosso projeto de conclusão de curso, por exemplo, parte da seguinte pergunta: qual desafio de design eu gostaria de resolver com meu projeto em Moda? Ao longo do curso, apresentamos alguns desses desafios contemporâneos para a Moda, como, por exemplo, a reutilização de materiais, o *upcycling*, o *zero waste*, a inclusão de deficientes ou, como chamamos, os “corpos invisíveis”, o público 60+, o *pluz size*, dentre outros. E é impressionante ver como os estudantes se mobilizam com essas questões e propõem projetos muito criativos e de alta competência técnica. Além dos projetos curriculares, temos alguns projetos de extensão por meio dos quais a cada ano nossos estudantes e professores se superam em criatividade. Um bom exemplo deles pode ser dado com o nosso projeto “Moda e Resiliência”, que realizamos desde 2011, e que abarca ações de criação e de desenvolvimento, tendo como culminância a apresentação (em um desfile) de uma coleção para mulheres com câncer de mama; ou ainda, outro exemplo, o projeto que estamos desenvolvendo em conjunto com RMIT University, School of Fashion & Textiles – Melbourne, Austrália, denominado “The Sea Between Us”, que promove um diálogo de moda entre os dois maiores países do Hemisfério Sul, Brasil e Austrália. Duas escolas de Moda vão hospedar este experimento: o RMIT (Royal Melbourne Institute of Technology) e a Anhembi Morumbi. Sustentabilidade é o mote para desenvolver esse diálogo em que são explorados tópicos como métodos de reciclagem e reaproveitamento e consumo consciente. O fio condutor desse experimento é o uso das técnicas têxteis manuais, fazendo extrapolar a ideia de diálogo de uma prática verbal, agora para o desenho de um espaço comum de transformação material. O material selecionado para isso é o encontrado na imensidão do mar que nos separa: o plástico. A experimentação em torno das potencialidades do plástico cria, então, um espaço de reflexão sobre as nossas forças e limites – não apenas em um nível individual, mas coletivo. Cada grupo, naturalmente, irá responder de maneira particular ao material que tem diante de si, e essa diversidade de abordagens é uma parte importante do projeto, uma vez que é desejável a troca de conhecimentos e valores. Ao acompanhar nosso trabalho, mais detalhes do processo e do próprio projeto poderão ser apreendidos. Não dá para não ser criativo perante a tudo isso

que fazemos, né? É desse dia a dia do ensino que me alimento para atuar como professora (prefiro a expressão “orientadora”) e como pesquisadora.

Pesquisador: O trabalho da Coordenação, que é sempre muito burocrático, envolve também atenções especiais aos professores/as. Como Coordenadora, a Senhora desenvolveu uma prática de reuniões com os/as docentes, no sentido de promover discussões acerca de práticas ou metodologias de ensino, ou, se elas existem, ficam muito centradas nos conteúdos específicos da formação?

Entrevistada: O diálogo entre a coordenação e o corpo docente é constante. Hoje eu “estou” coordenadora, mas sou professora antes e acima de tudo. Promovemos reuniões “formais” a cada início e fechamento de semestre. Nossas discussões giram sempre em torno da formação humana e não somente da formação profissional. Centramos nossas discussões em questões acerca das conduções dos projetos e dos conteúdos das disciplinas, que sempre estão atreladas a eles; isto é, a cada semestre, os estudantes realizam um projeto interdisciplinar no qual os conteúdos das disciplinas do semestre contribuem para a sua realização. Sendo assim, nossas reuniões de planejamento precisam contemplar todas as competências e habilidades que objetivamos desenvolver nos discentes, seja semestre a semestre, seja ao longo do curso. Nossa metodologia é a do aprendizado orientado a projetos, e isso discutimos incansavelmente. Além disso, posso dizer que temos o privilégio de manter um diálogo aberto e constante, por meio do qual, muitas vezes, ideias e novas propostas surgem, justamente por conta dessa troca permanente. Posso ousar em dizer que temos reuniões ao longo de todo o semestre.

Pesquisador: A senhora trabalha com muitos projetos, e projetos que envolvem muita gente. A senhora considera que o desenvolvimento de projetos pode ser de fato uma saída para minimizar a mesmice da sala de aula, isto é, esse tipo de trabalho é uma alternativa para um ensino-aprendizagem mais prazeroso, eficiente e eficaz?

Entrevistada: Sem dúvida alguma!!! Desde o início do curso trabalhamos com esse escopo, e a cada semestre nossos estudantes nos provam que – ao menos por enquanto – isso está funcionando muito bem! E vou além: o pensamento

e a atitude projetual evitam não apenas a mesmice da sala de aula, mas a mesmice do mercado. Design não é somente estilo!!!

Pesquisador: Professora, sua Universidade é, sem dúvida, uma referência nos estudos de nossa área. Vocês são muito respeitados no mercado, acadêmico ou não. O fato de ela ser de capital estrangeiro interfere de algum modo nas relações de trabalho desenvolvidas pelos professores/as? É possível conciliar os interesses econômicos dela com a nossa realidade brasileira?

Entrevistada: Bem... a realidade brasileira não está muito favorável a ninguém e à nenhuma iniciativa. Não vou negar que a entrada do capital estrangeiro trouxe uma nova maneira de administrar o negócio para nossa IES, e eu pude participar dessa mudança “de perto”. Porém, até o momento, não senti interferência direta no trabalho pedagógico que desenvolvemos. Sem dúvida, temos um pouco mais de burocracias no dia a dia da docência do que tínhamos dez anos atrás. Mas, novamente, digo que não vejo que isso interfere no andamento de nosso projeto pedagógico. Há momentos, inclusive, que temos francas aberturas para “negociar” e demonstrar nossos “resultados” (o que tem sido relativamente fácil até agora), mas acredito que isso é um componente do negócio que, como você aponta, tem seus interesses econômicos. Porém é para nós, professores, que é dada a tarefa de zelar pelos resultados acadêmicos, bem como pelo papel da excelência e qualidade do ensino que oferecemos. Como em qualquer situação, os conflitos existem, mas se bem conduzidos são um excelente desafio a serem assumidos.

Pesquisador: Neste ano comemoramos os 30 anos de Moda no Brasil. Vocês estão preparando alguma atividade específica para marcar este momento tão significativo para a área e para nós?

Entrevistada: Sim!!! Sem dúvida!!! Já em 2017, comemorando os 10 anos do Bacharelado em Design de Moda, tivemos muitas atividades de celebração, e para 2018 não será diferente. Estamos com dois projetos que visam ao reconhecimento dessa data tão importante. Um deles, iniciado no ano passado, tem por objetivo criar, conjuntamente com todos os cursos de Moda do país, uma linha do tempo, em uma plataforma digital, apresentando a criação dos cursos juntamente com o contexto social e econômico do país em cada momento apresentado. Esse projeto já foi iniciado, mas ainda se encontra em fase embrionária, e nossa intenção é

apresenta-lo no 14º Colóquio de Moda, em Curitiba, convidando todas as instituições a contribuir e participar permanentemente com a alimentação de dados e informações sobre os cursos. Quem quiser saber mais, vai ter que ir ao Colóquio... Outra ação que estamos organizando, também para o segundo semestre de 2018, é uma exposição em que se contará a história dos cursos de Moda da Anhembi Morumbi, que celebra 28º. ano de sua criação. Temos registros de imagens (fotos e vídeos), as primeiras máquinas de costura, depoimentos de ex-alunos, professores e coordenadores e muito mais... Esse é um ano muito importante para o ensino de Moda em nosso país! Nos últimos 30 anos o fazer e o ensinar Moda no Brasil passaram por muitas mudanças, mas muitas outras ainda precisam acontecer. Meu desejo é o de que todos nós possamos aproveitar essa oportunidade, não somente para celebrar e comemorar, mas acima de tudo para organizar essas mudanças no âmbito do ensino, pois acredito que somente com uma educação que promova questionamentos e aprofundamento de conhecimento é que conseguiremos fazer com que a Moda seja uma força criadora e promotora do bem estar social.

Pesquisador: Eloize, mais uma vez, professora, muito obrigado! Agradeço em nome da *Revista* também. É sempre um prazer muito grande estar com a senhora! Para finalizar, deixo um espaço para a senhora se dirigir aos/às estudantes em formação dos nossos cursos que desejam seguir uma carreira acadêmica. Quais seriam suas orientações para eles/as?

Entrevistada: E, novamente, eu é que agradeço a oportunidade de falar um pouco sobre o que eu faço e acredito. Espero que não tenha sido “em demasia”. Para aqueles que almejam seguir a carreira acadêmica, digo sempre o mesmo: AMEM aprender (sempre)!!! O CONHECIMENTO nos nutre, nos fortalece, enriquece nossa vida e nos alegra a alma. Não somente o conhecimento técnico e específico, mas todo conhecimento fronteiro à nossa área. Sejam curiosos e questionadores... sejam inconformistas!!! Ensinar é antes de tudo saber aprender; é saber ouvir, ler, ver, observar, refletir. Ensinar é saber se emocionar tanto com o caminho como com o resultado. Um forte e afetuoso abraço a todos!!!

Recebido em: 12/02/2018
Aceito em: 15/02/2018